



Avença

Orgão nacionalista, defensor dos concelhos do Norte do Distrito de Leiria

25 de Outubro de 1966

Proprietário: **Dr. Ernesto Lacerda**

Director e Editor: **Dr. Joaquim Alves Tomás Morgado**

Chefe da Redacção: **Prof. A. Paula Santos**

ANO XIV

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO, COMP. E IMP.: OFICINAS GRÁFICAS DA MINERVA CENTRAL - FIGUEIRÓ DOS VINHOS - TELEFONE 7

N.º 332

Como uma Americana viu ANGOLA

FESTAS E FEIRA DE S. PANTALEÃO DE 1966

Angola era tão pouco conhecida, que quando me referia à minha estadia aí, replicavam-me prontamente:—Onde é que isso fica?

Angola é duas vezes maior que o Texas, estendendo-se por uma extensão de 967 milhas. Território português desde 1485 tem Luanda como capital, cidade fundada mesmo antes da descoberta da América por Colombo.

Contrariamente à ideia que a maior parte das pessoas fazem acerca dum país africano, a população não é toda negra, havendo mesmo um elevado número de residentes brancos nas cidades. Surpreendeu-me especialmente encontrar cidades modernas e progressivas com um alto nível de vida, superior ao de muitos países europeus, e o segundo mais elevado de África. As ruas são bem pavimentadas e ladeiam-nas maravilhosas árvores floridas; as estradas do interior são igualmente esplêndidas, havendo também um serviço de táxis aéreos em pequenos aviões.

O interior de muitos edifícios comerciais e nacionais, são tão encantadores como alguns da Europa, com lindos painéis de madeira, soalhos em parquet, escadarias de mármore, muitas vezes possuindo ainda paredes de azulejos ou enormes vitrais, representando feitos históricos de Angola.

Luanda tem duas das mais bonitas igrejas modernistas católicas projectadas por arquitectos locais; ao pé delas a nossa arquitectura parece monótona e sem interesse.

Em algumas cidades os passeios são constituídos por pedras cor de creme, em combinação com outras pretas produzindo desenhos interessantíssimos, que os tornam semelhantes a tapetes.

Todas as cidades possuem numerosos parques e áreas de diversão e na costa, inúmeras praias públicas, merecendo referência especial os parques infantis, se considerar-mos que as crianças de hoje são os cidadãos de amanhã, e daí a importância de se lançarem bases sólidas de prevenção contra a delinquência.

As cidades costeiras de Luanda, Lobito, Benguela e Moçamedes são todas muito modernas, atractivas, e sendo ainda importantes e movimentados portos marítimos internacionais. Todas estas cidades são favorecidas esteticamente, por belas e modernas casas de estuque.

É Moçamedes a mais original cidade, porquanto, embora situada no deserto, este alonga-se até ao oceano, onde se torna um movimentado porto. Um desportista sente-se aqui num verdadeiro paraíso para férias, pois os mais

variados desportos tais como a natação, remo, pesca submarina e muita caça, em coutadas das redondezas, são praticados intensamente.

Um passeio através do deserto, já fora de Moçamedes, foi a experiência mais maravilhosa e inesquecível, porque além de ter a possibilidade de fotografar todas as espécies de caça, pude ainda admirar a «Mirabilis», visto ser aqui, numa região deste deserto, o único lugar do mundo onde a «Mirabilis» se desenvolve. Esta planta que cresce rente ao solo, possui largas folhas semelhantes a fitas de 3 a 8 pés de comprimento assemelhando-se o centro a um prato de carvão de lenha donde brotam flores castanhas, sendo nítida a diferença entre as masculinas e as femininas. Como vivem mais de 100 anos os cientistas chamam-lhe o fóssil vivo.

Em perfeito desenvolvimento, pude ainda admirar modernas fábricas de peixe, de conservas e refinarias de açúcar e azeite.

Ao largo de Sá da Bandeira, num imenso planalto, entre as montanhas de Chela, fica o parque zoológico: uma quinta enorme para experiências de cruzamentos entre animais, estabelecida aí há 30 anos por Portugal, e que bem podia comparar-se a qualquer das existentes nos Estados Unidos.

Quintas esplêndidas

Observei no campo, quintas bem cuidadas, gado excelente, com os quais os negros medem forças, tal como fazem os nossos rancheiros do Oeste. Em qualquer classe, eles desfrutam duma situação financeira agradável, e vivem segundo leis calmas e duradouras.

Ao contrário de certos rumores, os pretos não são explorados. Possuem leis especiais que impedem os brancos de lhes furtarem o gado. Também porque o carvão de lenha é uma indústria nativa os brancos não podem imiscuir-se nela.

Não há greves

Angola podia ser um exemplo para o mundo porque lá não existem greves. Cada ocupação tem a sua própria união, e se surge um desentendimento no trabalho, o trabalhador recorre à sede da união a fim de que se estabeleça um acordo satisfatório. Há um excelente programa de seguros médicos e hospitalares, muito económico, em que o patrão paga um tanto por mês e os empregados uma quantia mais reduzida. Por um preço tão módico, a todos é possível incluir a família inteira, mediante o pa-

gamento duma reduzida taxa adicional.

As relações entre raças são excelentes e há uma completa integração no trabalho, nas habitações, em sociedade e são naturalíssimos os casamentos inter-raciais. Em Angola um homem consegue um emprego pelo mérito e não pela cor. Desde que um negro trabalhe por si próprio para se elevar económica e socialmente, ajudará sempre os que estão abaixo deles na escala social—muito mais aqui do que acontece nos Estados Unidos.

Angola considera o seu problema racial diferente do dos Estados Unidos. Quanto a eles, o nosso problema resume-se a uma questão de cor de pele, visto que os negros americanos só conhecem o tipo de vida americana.

O problema de Angola porém, é mais um problema de duas raças muito diferentes: os brancos não podem compreender a maneira de pensar dos negros porque eles têm uma base de vida e de cultura inteiramente diferentes. Só os pretos da cidade adquiriram uma civilização ocidental. Também muito pouco tempo os separa ainda da vida primitiva em tribos. No mato, eles sentem-se muito mais satisfeitos, de tal modo que quando um cidadão negro regressa ao mato, retoma para sempre, o modo de vida dos nativos.

Portugal faz bem

Portugal está a fazer um trabalho excelente no desenvolvimento de Angola, e não recebe qualquer auxílio dos Estados Unidos, para que se eliminem os projectos inúteis e os luxos dos oficiais superiores, como acontece noutras partes de África. Todos os governadores de distritos são muito bem remunerados para que prevaleça a honestidade e não a ingratidão e a corrupção.

É certo que há problemas a ser resolvidos, e o ritmo em que os recursos internos estão a ser explorados, é consideravelmente prejudicado pelas leis, pelo governo, pelo monopólio e necessidade de finanças. O progresso porém está a processar-se e há-de continuar, se não se verificarem interferências vindas do exterior.

A versão dos Estados Unidos

Estados Unidos são imensamente odiados, porque, do mesmo modo que a Inglaterra, também eles, tentaram na O. N. U. obrigar Portugal a conceder a independência a Angola. As pessoas responsáveis não a desejam, pois sabem que não estão preparados para ela, e que só Portugal lhes pode dar um Go-

verno estável. Por enquanto a independência apenas significaria um outro Congo, eliminava tudo o que os brancos tinham feito para desenvolver a província.

Não é fácil esquecer o pânico e o terror causados pela revolta de 1961 quando 6000 pessoas foram mortas em 3 dias. Para nossa vergonha todas as armas empregadas pelos terroristas, foram pagas por uma fundação americana bem conhecida.

Os cidadãos angolanos sentem que os E. U não se compenham bem os perigos do comunismo. Eles aguardam apenas uma oportunidade para agir. Como em outras partes da África também haviam dito já os nativos de Angola que uma vez desaparecidos os brancos o emprego destes, e bem assim a casa, o automóvel, e todos os bens, lhes pertenceriam, sem o mínimo trabalho ou despesa.

Angola seria nma presa riquíssima para os comunistas; porque possui tanto azeite que é chamada o Texas de África, tanto ferro que as ruas não pavimentadas são vermelhas. Nas montanhas de Chela têm de empregar-se automóveis a diesel porque os carros a gasolina ficariam magnetizados pelo ferro.

Produz ainda em grande quantidade diamantes, cobre, açúcar, tabaco, peixe, sal, óleo de palma e tem um clima e solo excelentes para a produção de frutos e vegetais.

Nada de intromissões

Se os E. U. deixassem simplesmente de intrometer-se e permitissem que Angola continuasse sob o estável governo português, ela surgiria como um dos mais importantes países do mundo livre.

A África toda, com a sua vasta reserva de recursos naturais, é o continente do futuro, de que todo o mundo necessita...

Uma coisa que esta minha viagem me ensinou foi a não ser uma americana presumida. Não temos, de maneira nenhuma, todas as respostas. Porque embora as nossas leis e forma de governo sejam ideais para nós, isso não significaria que o sejam para os outros. Os E. U. têm de deixar de formar todo o mundo à sua imagem. Teóricamente pode considerar-se lindo, mas não o é na realidade.

Dr.ª Marie Alkon

Visado pela Comissão de Censura

A Comissão das Festas de S. Pantaleão de 1966, a favor da Associação dos Bombeiros Voluntários de Figueiró dos Vinhos, apresenta V. Ex.º o seu resultado:

RECEITA

ESPECTÁCULOS

Rancho	4 020\$00	
Variiedades	14 570\$00	18 590\$00
Gincana (Liq.)		92\$50
Bares		9 743\$30
Sorteio (Liq.)		4 825\$00
Ofertas		9 080\$00
Total		42 330\$80

DESPESA

ESPECTÁCULOS

Rancho	2 700\$00	
Artistas	9 000\$00	11 700\$00
Ap. sonora		2 000\$00
Lic. Soc. C. Escritores		330\$00
G. N. R.		260\$00
Propaganda		530\$00

BARES

Aq. Comidas e Bebidas	4 803\$20
---------------------------------	-----------

IMPOSTOS

Diversos	263\$00
--------------------	---------

PESSOAL

Arranjo do estrado	237\$40
Diversos	985\$00

DIVERSOS

Aq. Atomizador	1 019\$00
Entrega à A. B. V. F. V.	20 203\$20

Total	42 330\$80
-----------------	------------

Para este resultado tão animador muito concorreram os vários donativos, quer em dinheiro, quer géneros ou ainda em trabalho e cooperação de todos, e por isso a todos o nosso muito obrigado.

Agradece a Comissão, particularmente, aos seguintes benfeitores: Manuel de Freitas Lopes, Recauchutagem Sonuma, Francisco Rodrigues Ferreira, Manuel Dinis, Antero Simões Seguro, João David Campos, J. Machado, Lda, A. Ferreira Leitão Marcolino da Silva Ladeira, Fernando Lourenço, António Lopes do Regó, Aquiles Morgado, António Campos, Lúcio Lopes da Conceição, Abílio Lopes, (Alge), Joaquim R. Dias, Fapobol, Eugénio Rodrigues Branco, Santos & Marques, Lda, Manuel Gomes, Dias & Gomes, Lda, José Simões, António Marques Boavida, Silva, Godinho & Silva, Lda, Sociedade Transformadora de Madeiras, Lda, Adriano Lopes Medeiros, José Marques Grácio, Cerâmica de Figueiró dos Vinhos, Lda, António Simões Marques, Ricardo, Ferreira, Santos Marques & C. a, Lda, Albino Marques Afonso,

(Continua na 4.ª página)

Luis Frias Fernandes
Médico

DOENÇAS DAS CRIANÇAS — CLÍNICA GERAL

TELEPHONE 38

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

MARIA AMÉLIA DOS SANTOS ALVES
MÉDICA

Doenças da boca e dentes

Consultas s 2.^{as}, 4.^{as} e sábados das 9 às 12 horas
e 5.^{as} e sábados das 15 às 18 horas.

Telefone 98

FIGUEIRO DOS VINHOS

Manuel Alves da Piedade
Médico

CLINICA GERAL

Telefone 98

FIGUEIRÓ DOS VINHOS



TELEPHONE

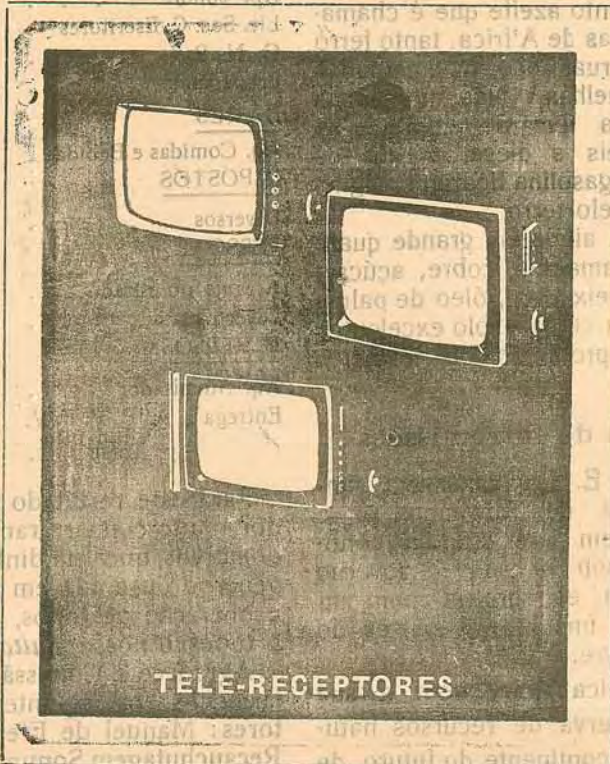
P. P. C. 50

Marca Registrada N.º 107.738

Ourivesaria Lourenço

ELECTROBOMBAS PARA TODOS OS FINS

Agência PHILIPS - SIERA - PONTO AZUL - NATIONAL - BOSCH



TELEPHONE 105

FIGUEIRO DOS VINHOS

Encarrega-se de todos os consertos em RADIO e TELEVISÃO

COBRANÇAS DIFÍCEIS

trata José Pereira Esteves, em Lisboa e Província.

Travessa dos Arneiros, 15 r/c, Esquerdo — Lisboa-Benfica, telefone 700491.

Anunciar em «O Norte do Distrito» é fazer chegar os produtos de V. Ex.^a a todo o mundo.

SEGUROS

Efectuam-se de Pinhais e em todos os ramos.

JOAQUIM DE MATOS PINTO
Figueiró dos Vinhos.

Máquina de costura Singer

Cose e borda. Vende-se por 2200\$00 como nova, com garantia por 10 anos. Também vende outras marcas à escolha do cliente.
Irolinda Nunes Curado — Figueiró dos Vinhos.

Elias Tavares Cravo
MÉDICO-ESPECIALISTA

Doenças dos olhos - Operações

Consultas no Hospital de Figueiró dos Vinhos, no 1.º e 3.º sábado de cada mês, às 9^h 30^m.

TRILHO Y BLANCO
MÉDICO-ESPECIALISTA

Ouvidos-Nariz-Garganta

Consultas no Hospital de Figueiró dos Vinhos, nas 1.^{as} e 3.^{as} quartas-feiras de cada mês, às 9^h 30^m.

PROPRIEDADES VENDEM-SE

— Composta de Pinhal, Eucaliptos e Oliveiras, sita ao Barreiro, ou Vale das Albardas de Baixo. Confronta com a estrada distrital e estrada do Caminho da Bola.

Habituação, ao cimo da Vila, S. Sebastião.

Quem pretender dirija-se a D. Alzira Paiva Vidigal, Rua Praia da Vitória N.º 20 — LISBOA-1
Aceitam-se propostas.

Assine este JORNAL

O MELHOR PÃO-DE-LÓ

É O DA

CONFETARIA Santa Luzia

DE A. C. Campos

TELEPHONE 129

FIGUEIRO DOS VINHOS

TERRABELA-HOTEL

UM DOS MELHORES DA PROVÍNCIA

INSTALAÇÕES MODERNAS

BAR — CAFE — RESTAURANTE — BILHARES

Serviços de Casamentos e Baptizados

PREÇOS ESPECIAIS

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Telefone PBX — 50

M. TEIXEIRA

SUCESSOR DE

Soc. Comercial Figueiroense, L.da
(ANTIGA PRISTA)

Telefone 81

FERRAGENS E TINTAS AGENTE DA «ROBIALAG»

Co. Representante do Branco Pinto de Magalhães, L.da
FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Atenção, Srs. Vinicultores!

A DROGARIA GRANADA

encontra-se à vossa disposição para o fornecimento, nas melhores condições de qualidade e preço, de todos os produtos para a vinificação e trabalhos preparatórios.

Ácido tartárico

Açúcar cãndi

Metabissulfito

Sebo Francês

Produtos para lavagem

e conservação de vasilhame

Pesa-Mostos

Pesa-Aguardentes

Pesa-Vinhos

Alcool Vínico

USE VINIT

O VINIT elimina e combate eficazmente as gorduras rançosas, maus cheiros, maus gostos, sequeiros, bavios, acidez, azedume, podridões, e todos os «males» que atacam o vasilhame.

Antes de vos decidirdes impõe-se uma visita à

DROGARIA GRANADA

TELEPHONE 135

Rua Dr. António José Almeida

Figueiró dos Vinhos

A mão de seis dedos

Informações fiscais

Ouviram-se passos rápidos na noite funda e o terra-nova atirou-se contra o portão do quintal, num ladrar furioso. Atrás da parede do cerrado, ali perto, o homem do Vale da Serra escabujou na terra dura e imobilizou-se, num esgar doloroso. Tombara do borco, com a jaleca ainda no ombro, e uma golfada de sangue escorreu do pescoço e coagulou na camisa suja. Tinha má fama e batia na mãe. Porém, o que lá vai, lá vai. Aquele corpo mal vestido de aldeão, com os sapatos grossos e os olhos vidrados, metia pena. A lâmina rasgara-lhe a carótida e os dedos esgolpeados recordavam a luta rápida e silenciosa, travada em torno duma navalha implacável. O assassino devia andar perto. Era um cavador de mãos excessivamente lavadas e gastara, de certo, horas angustiosas a tirar de si a última gota de sangue, na casinha de telha vã, para os lados da fonte. Preso, olhava de viés e negava sem convicção. E os seis dedos da mão direita tremiam um pouco, enquanto os olhos se negavam a fitar o cadáver caído de bruços e com o rosto um pouco torcido para o lado. Não fora por dinheiro, nem por rixas antigas que ele o anavalhara, no caminho de Arrife. Matara porque matara, como se o diabo se soltasse dentro dele. Na sua cabeça de camponês sem religião, as ideias morais, larvares e obscuras, mal chegavam a esboçar-se. E as forças de compressão social (cadeia, tribunais, polícia) estavam demasiado longe. Pelo contrário, o homem do Vale da Serra, a bebericar na taberna e com fama de bater na mãe, a navalha de ponta e mola no bolso das calças e, sobretudo, aquele ódio estúpido a rebentar dentro dele, como um tumor maduro, isto, sim, estava bem perto. Agora, que tudo passara, sentia que fizera uma asneira e encontrava-se sózinho e posto à margem, como se já lhe tivessem rapado a cabeça e vestido a camisola dos presidiários. No Vale da Serra, uma pobre mãe acordava do sono intranquilo das mulheres com filhos de má sina. E o povo ia chegando, porque as notícias funestas correm depressa pelo mundo. Com um xaile pela cabeça e os gestos desvairados e teatrais, uma camponesa gritava: — Ai, desgraçado, tantas fizestes, até que as pagaste! Mas não devia ser assim! Lembrava o coro duma tragédia grega, o interpretar o pensamento silencioso da multidão. A chuva caía, lenta e triste, como se molhasse a alma da gente, e os contornos do cadáver mal se desenhavam, sob o oleado que o cobria. Embrulhada numa saia velha, a mãe estremeceu e chorou sobre o filho morto. Não levava a mal quanto ele lhe fizera. Criança igual às outras, brincara-lhe no colo, dormira junto dela, nas noites de inverno, com o vento vagabundo a uivar lá fora. Ah! se os filhos continuassem eternamente meninos e as mães pudessem trazê-los sempre consigo, na vida e para além da vida! Mas o garotinho entroncava, tornara-se homem, nem ela sabia como. E crescerá, dentro dele, aquele jeito de ralar por tudo e por nada. De-

vagarinho, quase tudo foi morrendo entre os dois, afora a miséria que os unia e esse amor bravio que ela tinha pelo filho. Que lhe batesse ou não, era a carne da sua carne. E sofria a dor quase fisiológica da loba a quem mataram a cria. Na tarde húmida e amarga, a chuva escorregava do oleado. Parada e silente, a mulher envolta na saia velha recolhera-se na imobilidade duma estátua de jazigo. E acabou tudo no cemitério e na cadeia. Inútil o gesto largo do advogado de defesa: — Senhores jurados, tendes, diante de vós, uma vítima da sociedade e das gerações mortas... A morbidez da taberna, a miséria desconfortável da casinha de telha vã, o primarismo do povileu iletrado e meio pagão, o tédio sem limites das horas vazias, o abandono em que vivera o criminoso, sem educação nenhuma e entregue aos instintos, eram verdades como a lepra. E também a frase: *Muitos são contentes no pecado de um só!* Porém, tudo isto se perdia num mar bocejante de lugares comuns, enquanto os jurados olhavam, à socapa, para o relógio. Curvado sobre o banco dos réus, o homem-da-mão-de-seis-dedos adivinhava que nada o justificaria. O morto lá estava, de baixo da terra, e toda a retórica se esfrelava de encontro a esta realidade inelutável. Mais do que o resultado de razões metódicas e pensadas, o seu crime nascera duma atmosfera subterrânea e premente, como se tirasse uma conclusão clara de premissas obscuras e o pecado vivesse nele, desde há muito, e se concretizasse num instante inesperado. Como explicar isto ao juiz? Houve um momento em que só a espessura mínima duma folha de papel o separava daquele impulso ensanguentado de anavalhar. E foi quando o homem do Vale da Serra saltou o muro baixo e meteu pelo olival, que ele se atirou de cabeça perdida pelo caminho donde é difícil voltar, no instinto persecutório dum cão açulado, atrás dum fugitivo. Empurrava-o um bento tenebroso e forte. O outro fez uma tentativa inútil para se defender e caiu. Então, espantou-se de aquilo ser tão fácil e sem remédio. Sentiu a acusação silenciosa da noite e abalou ao desamparo, tropeçando nas pedras. E parecia-lhe que todo o mundo fora testemunha do seu crime. O mais sei-o da boca do povo, excepto o final da história. Contaram-me que o assassino fugira da Penitenciária e fora, mais tarde, preso pelo irmão (um polícia de aparência tranquila, que enlouqueceu depois). E dizia-se que a mãe de ambos *ouvia* homens a bater-lhe à porta, para a matarem. Longas eram essas horas e os gritos dela faziam estremececer a noite. Passaram bastantes anos e correu muita água debaixo das pontes. Um dia, recebi uma carta do irmão do assassino, uma carta estranha, a que ainda respondi. A seguir, outra carta, cheia de alucinações: «Parecia a voz do meu comandante, a dizer: *É um pobre de espírito. Mas vinha de muito longe, essa voz.* E via o espectáculo macabro de membros humanos mutilados, a flutuar no espaço, cabeças cortadas, ventres enormes e grotescos que num instante se tornavam pequeninos. E, por-

menor sinistro, uma mão de seis dedos. Então comecei a intervir a tragédia daquela família sem leme. Os gritos da mãe contra os fantasmas da noite tenebrosa, as alucinações aberrantes do polícia reformado e o sexdigitismo do cavador que matara, sem enxergar bem porque razão, denunciavam um nó de dementes, que se desatara aos poucos, correndo cada qual para seu destino. As restantes pessoas serão normais. Ainda assim, de poeta e de louco todos temos um pouco e não passamos dum canal agitado pelo vento. Cada homem constitui um mistério fechado. Podemos distinguir o bem do mal e avaliar as acções dos outros, na sua materialidade externa. Basta-nos a voz da razão, um olhar lúcido e as Tábuas da Lei: Não matarás... Não levantarás falso testemunho... Não furtarás... Porém, já não atingimos, com segurança, o enigma do pecador, até que ponto ele é criminoso e até que ponto desgraçado. Só Deus, que o criou e lhe seguiu os passos, pode medir, de verdade, as dimensões interiores da sua capacidade. Em termos de romance policial, foi isto o que me ensinou «o crime do homem-da-mão-de-seis-dedos». E tudo aconteceu numa noite igual às outras, com as mesmas horas efémeras a nascer e a morrer — deusas enigmáticas que trazem ao mundo a felicidade e a desgraça. Mário Martins

Sindicato Nacional dos Motoristas do Distrito de Leiria

AVISO

O Sindicato Nacional dos Motoristas do Distrito de Leiria, avisa todos os seus associados de que o Contrato Colectivo de Trabalho celebrado em 11-9-962 foi em parte alterado com o Decreto-Lei n.º 47032, nomeadamente no que se refere a férias gratuitas para os profissionais que tenham mais de 10 e 15 anos de serviço, a quem competem respectivamente desasseis e dezoito dias úteis, independentemente do respectivo subsídio de 50 %.

Qualquer esclarecimentos sobre a matéria em causa serão prestados na sede do referido Organismo.

A DIRECÇÃO

Alugam-se

Duas moradas, com 4 casas, varanda e casa de banho no prédio do antigo Café Avenida, na Rua Major Neutel de Abreu (próximo da Shell), um dos melhores locais desta vila.

Quem pretender dirija-se ao seu proprietário

JOAQUIM DA SILVA

Assine este JORNAL

Obrigações dos Contribuintes no mês de Novembro

Até 31

Calendários anunciadores
avenças de imposto do selo

Podem requerer-se avenças para pagamento do imposto do selo devido pela distribuição de calendários anunciadores respeitantes ao ano de 1967.

Imposto de transacções

Entrega na tesouraria da Fazenda Pública da área da situação do estabelecimento, por meio de guia modelo 3, processada em triplicado, do imposto de transacções liquidado durante o mês de Setembro findo.

Com as guias de pagamento, deve ser apresentada na respectiva repartição de finanças, relação discriminada das transacções realizadas durante o mesmo mês de Setembro, contendo a indicação dos números e séries de facturas, valor líquido facturado e importância do imposto.

Mês de Dezembro

Contribuição Industrial

Até 15

Comunicação às repartições e direcções de finanças das nomeações dos delegados dos contribuintes, efectivos e substitutos, para constituírem as comissões de fixação e de reclamação dos rendimentos tributáveis dos contribuintes dos grupos B e C para o ano de 1967.

Imposto profissional

Comunicação às repartições e direcções de finanças das nomeações dos delegados dos contribuintes, efectivos e substitutos, para constituírem as comissões de fixação e de reclamação dos respectivos rendimentos colectáveis para o ano de 1967.

DEPOIMENTOS INSUSPEITOS SOBRE A ÁFRICA PORTUGUESA

John Biggs-Davison, o primeiro deputado britânico a visitar Angola logo após os massacres terroristas de 1961, põe em revelo, numa interessante crónica optimista intitulada «Angola Revisitada», inserta na destacada revista londrina de assuntos africanos «African World», a sensacional evolução verificada neste curto intervalo de cinco anos que medeou as suas duas visitas àquela província ultramarina portuguesa.

O deputado britânico manifesta a sua admiração não só pelas grandiosas obras de engenharia realizadas nesse espaço de tempo, mas também pelo impulso dado ao sector industrial, tudo isto a par das minúsculas igrejas antigas e dos vetustos monumentos com cinco séculos de existência. Todas estas realizações portuguesas são, ao mesmo tempo, expressões magníficas da cultura europeia.

Depois de salientar que o terrorismo contra Angola é o instrumento dos poderes agora urdidos para um assalto à África no século vinte, John Biggs-Davison formula a seguinte pergunta: «Onde estariam agora as Américas, bem como a África e a Europa, se Portugal se tivesse deixado rebocar por uma suposta opinião mundial, espalhada pelas vozes das Nações Unidas e outras quejandas?».

Continuando, o ilustre deputado descreve as suas deslocações através de Angola, referindo-se largamente aos movimentos terroristas existentes e às suas desavenças tribais constantes, emitindo a sua opinião de que «não é, de forma alguma, destes movimentos e dessas lutas que resultará algo de benefício para a África, mas sim do poder industrial de uma Europa coesa e do imenso potencial de Angola dos seus vizinhos que surgirá a ajuda e o avanço da África Negra, longe dos atropelos do conflito Este-Oeste».

E o deputado, a concluir, escreve: Portugal, que não admite barreiras raciais, provará, talvez, ser o catalizador dessa possibilidade».

Taxa Militar

Termina o prazo em que a taxa militar poderá ser paga em dobro, sem sujeição a juros de mora. O pagamento voluntário foi em Abril e Maio findos.

Imposto complementar Secção B

Sociedades e pessoas colectivas

O pagamento do imposto é efectuado por uma só vez, durante o mês de Dezembro.

Imposto de transacções

Entrega do imposto liquidado durante o mês de Outubro findo, bem como da relação das transacções realizadas durante o mesmo mês.

VENDEM-SE

Casa de habitação com rés-do-chão, primeiro e segundo andares, sótão e cave, na Rua Dr. António José de Almeida, desta vila, onde se encontra instalado o quartel da G. N. R.; e Casa de habitação com lojas, primeiro e segundo andares, na Travessa da Fonte, desta mesma vila.

Informa o Sr. Acúrcio Portela — Figueiró dos Vinhos.

Senhores Agricultores: Vendem-se Oliveiras de Viveiro

Tratar com José da Conceição Napoleão ao fundo da vila — Figueiró dos Vinhos

A guerra no Vietnão UMA VISITA A LENINE

O assunto mais alvoroçado da presente emergência internacional é o caso do Vietnão.

A angústia do Papa é mais que justificada. A sua visita à O. N. U. nada conseguiu infelizmente.

Quando se completou um ano depois desse esforço para dar início a uma caminhada para a paz, verificou-se que a guerra mais renhida, mas destruidora e mais ameaçadora de redundarem em catástrofe geral. E novo apelo dirigiu aos homens para que cessassem no desvaio. E recomendou aos católicos dirigissem a Deus, para que a sua Misericórdia fizesse o que os homens não eram capazes de conseguir. Depois disso enviou a Saigão o seu núncio no Canadá, Mons. Pignédoli, como legado à Assembleia Anual dos 15 Bispos do Vietnão. Além da mensagem que levava para os prelados do martirizado país, levava também a incumbência de fazer as possíveis sondagens a respeito das viabilidades da paz.

Foi o legado pontifício recebido com demonstrações de fidelidade à Igreja por parte da Hierarquia e dos 1500000 católicos do país.

Os bispos terminaram a sua reunião com uma declaração em que agradecem a solicitude do Papa pelo Vietnão, torturado por tão longa guerra e dão total adesão à iniciativa « Christi Matri », distribuída aos fiéis de todo o Mundo poucos dias antes. Mons. Pignédoli regressou de Saigão em 9, animado de esperanças de paz, a começar pela paz interna do país.

Prestaram-lhe homenagem as comunidades não cristãs — budista, caodista, hoa-hoa e bahai. Conferenciou com Van Thieu, presidente da República, e com Cao Ky, chefe do Governo. Da sua visita a Saigão conta num relatório, que entregou a Paulo VI.

A paz, pelo menos o termo da guerra, uma situação idêntica à da Coreia, seria fácil, se da parte comunista houvesse boa-vontade e boa-fé. Mas deve reconhecer-se, por muito repetida experiência, que não há. Não se pretende daquele lado a paz, mas sim a derrota total e definitiva dos Estados Unidos, chamados a esta guerra infeliz pela agressão comunista ao Vietnão do Sul.

Vejamos só o ocorrido nos últimos meses, quase diremos nos últimos dias. Em 22 do mês passado o delegado dos Estados Unidos da ONU, Artur Goldbergh, fez uma proposta muito aceitável: cessariam os bombardeamentos sobre o Vietnão do Norte; ambas as partes entrariam na redução progressiva dos seus efectivos militares; e nas negociações de paz tomariam parte o Vietcong.

Houve um momento de esperança, porque Dean Rusk, secretário de Estado americano, e Andrei Cromyko, ministro dos Estrangeiros dr. Rússia, andaram em demoradas conversas. Mas no dia seguinte à proposta americana Cromyko opôs-lhe um « Niet » rotundo, dizendo que se trata duma intenção séria por parte dos Estados Unidos; o agressor deve ser repellido; não há que dar-lhe conversa antes disso. No mesmo dia um delegado de Hanói, Van Khiem, repeliu também a declaração ame-

ricana, classificando-a de tentativa de iludir o Mundo.

Depois disto foi à Assembleia-Geral da ONU o ministro dos Estrangeiros da Grã Bretanha, George Brown. Levava consigo uma proposta de paz no Vietnão. Mas a acreditar-se no jornal « Nhan Dan », do Hanbi, o governo do Vietnão do Norte já rejeitou a proposta inglesa, porque ela era idêntica à norte-americana.

E assim a guerra continua, sem esperanças de que cesse por estes tempos mais próximos.

Nos Estados Unidos aumenta a corrente dos que entendem que se deve intensificar a guerra para a acabar depressa.

O general Eisenhower, vencedor da guerra mundial e ex-presidente da República, entende que estará a chegar a ocasião em que se faz mister aplicar a bomba atômica, para acabar com o pezadelo.

É curioso que a opinião de que se faz mister ganhar rapidamente a guerra começa a ser argumento de propaganda do partido trespúblico na preparação das eleições de Novembro. E a verdade é que os Estados Unidos estão a reforçar as suas tropas no Vietnão.

O mesmo faz o Vietcong, que parece ter recebido mais material e mais dinheiro.

A Rússia aumentou o seu auxílio ao Vietnão do Norte e mandou para lá instructores militares para ensinar os nativos a servirem-se dos mísseis que forneceu. Isso confessado por Moscovo, suscitou ciúmes de Pequim, que proibiu aos aviões soviéticos sobrevoassem o território chinês e proibiu aos seus soldados no Vietnão do Norte contactassem com os russos.

Um pormenor a registar: o secretário norte-americano da Defesa, Robert MacNamara chegou em 10 a Saigão para rápida visita. Desse mesmo dia seis ministros pediram a demissão. Porquê? Certamente porque os Estados Unidos estão a perder terreno na política do seu aliado do Sueste Asiático.

A guerra prolonga-se e torna-se cada vez mais impopular. E mais impopulares os Estados Unidos.

E' possível que isso contribua para acabar a guerra. Mas não de maneira airosa para Washington...

FESTAS E FEIRA

Abílio dos Santos (Pontão) Viúva de Alberto Lopes, Cerâmica do Barro Branco, L.da, Amador Carvalho, Júlio José da Silva, Adriano Maria Caseiro, Adriano Marques, Abílio de Oliveira Carvalho, J. Conceição Mendes, Estação de Serviço Cabeço do Peão, Luz & Irmão, L.da, Santos Marques & Pestana, Manuel dos Santos (Bouçã), Joaquim Fernandes, Joaquim Lopes Barra, Manuel Mendes (Lisboa), António da Silva Granada, e aos Exmos Senhores vinicultores que ofereceram o seu vinho, a todas as senhoras que deram bolos, pasteis e outros, enfim a TODOS que ajudaram esta jornada de bem fazer a COMISSÃO DIZ

BEM HAJAM

Encomende à Tipografia deste jornal os impressos de que necessita. Ficará bem servido.

Porfiei quase um mês, mas, finalmente consegui. Viera à Rússia unicamente para conhecer este homem e não me queria retirar sem ouvi-lo. Parecia-me, no seu género, um dos três ou quatro homens vivos que valia a pena escutar. Chegar até ele custou-me quase vinte mil dólares — presentes às mulheres dos comissários, gorjetas aos soldados vermelhos, donativos aos asilos de órfãos — mas não me queixo.

Diziam que Vladimir Ilitch estava doente, cansado e que não podia receber ninguém, salvo os seus íntimos. Já não estava em Moscovo, mas em aldeia vizinha, em uma antiga vila de senhores com o habitual peristilo de colunas brancas à entrada. Sexta-feira de noite as últimas dificuldades haviam sido vencidas e o telefone avisou-me que era esperado Domingo. Haviam dito a Lenine que o meu capital poderia socorrer o difícil início da *Nep* e consentira em ver-me.

Fui recebido pela sua esposa, uma mulher gorda e taciturna, que me olhou como as enfermeiras olham um novo doente que entra para a sala. Encontrei Lenine em uma pequena sacada, sentado diante de uma grande mesa coberta de enormes folhas com desenhos. Produziu-me a impressão de um condenado ao qual se permitiu gozar em paz as últimas horas da sua vida. A característica cabeça tipo mongólico parecia feita de queijo velho e seco: árida, e, contudo, macia. Entre os lábios sujos, a caveira mostrava, já, a fila sinistra dos seus dentes. O crânio, vasto e nu, fazia o efeito de uma caixa bárbara construída com o osso frontal de algum monstro fóssil. Dois olhos turvos e inquisitivos de ave solitária escondiam-se dentro das pálpebras sanguinolentas. As mãos brincavam com um lápis de prata: via-se que tinham sido grandes e fortes, mãos de lavrador, mas, descarnadas como se mostravam, anunciavam a morte. Nunca mais poderei esquecer as suas orelhas de marfim chupado, estendidas para fora, como para recolher os últimos sons do mundo, antes do silêncio imenso.

Os primeiros minutos de colóquio foram preferivelmente penosos.

Lenine esforçava-se por me estudar, mas com ar distraído como se estivesse a cumprir um dever que já agora não o interessava. E eu, diante daquela máscara cor de açafrão e cansada, não tinha coragem para formular as perguntas que preparara. Murmurei, ao caso, algumas palavras lisongeiras sobre a grande obra por ele realizada na Rússia. Aquela cara semimorta encheu-se, então, de rugas espectrais que pretendiam ser um sorriso sarcástico.

— Mas se tudo estava feito — exclamou Lenine com uma galhardia inesperada e quase cruel — tudo estava feito antes que nós chegássemos. Os estrangeiros e os imbecis supõem que se criou aqui alguma coisa de novo. Erro de burgueses cegos. Os bolchevistas nada mais fizeram do que adoptar, desdobrando-o, o regime instaurado pelos czares e que é o único que se adapta ao povo russo. Não se podem governar cem milhões de brutos sem o bastão, os espíões, a polícia secreta, o terror, as forcas, os tribunais militares, as galés e a tortura. Nós apenas mudámos a classe que fundava a sua hegemonia sobre este sistema. Eram sessenta mil nobres, e talvez uns quarenta mil altos funcionários, num total de

cem mil pessoas. Hoje contam-se cerca de dois milhões de proletários e de comunistas. E' um progresso, um grande progresso, porque os privilegiados são dez vezes mais numerosos, mas os noventa e oito por cento da população não ganharam muito com a mudança. Fique certo de que não ganharam nada, e é ao mesmo tempo, o que se quer, o que se deseja, embora por outro lado, fosse absolutamente inevitável.

— E Lenine pôs-se a rir em surdina, como um comerciante que conseguiu lograr alguém e contempla alegremente as costas do logrado que se retira.

— Então — murmurei — e Marx, e o progresso, e o resto?

Lenine olhou-me com ar de estupefação.

— Ao senhor, que é um homem poderoso e estrangeiro — acrescentou — podemos dizer tudo. Ninguém o acreditará. Mas, lembre-se que o que o próprio Marx nos ensinou é o valor puramente instrumental e fictício das teorias. Em virtude do estado da Rússia e da Europa, tive de servir-me da ideologia comunista para alcançar o meu verdadeiro fim. Em outros países e em outro tempo, eu teria escolhido outra. Marx nada mais era do que um burguês judeu aferrado às estatísticas inglesas e secreto admirador do industrialismo. Faltava-lhe o senso da barbárie e era, por isso, apenas terça parte de homem. Um cérebro saturado de cerveja e de hegelianismo, no qual o amigo Engels esboçava uma ou outra ideia genial. A Revolução Russa é uma completa negação das profecias de Marx. Onde quase não havia burguesia, o comunismo venceu.

« Os homens são selvagens espantosos que precisam ser dominados por um selvagem sem escrúpulos como eu. O resto é conversa fiada, literatura, filosofia é música para uso dos tolos. E como os selvagens são semelhantes aos criminosos, o ideal principal de qualquer governo deve ser que o país se assemelhe o mais possível a um estabelecimento penal. A velha masmorra czarista é a última palavra da

FEIRAS DO LIVRO

em Portugal e Brasil

Simultaneamente, em Lisboa e no Rio de Janeiro, foram inauguradas duas Feiras do Livro — a do livro português, na capital brasileira, a do livro brasileiro, na capital lusitana.

Trata-se de uma iniciativa, a que os meios oficiais dos dois países deram o maior carinho, auxílio e compreensão, o espírito vivo de colaboração e intercâmbio cultural das duas nações consanguíneas e de vocação atlântica.

Durante vinte dias, num lado e outro do mar que nos une e prolonga, far-se-á uma amostra do que de mais válido e significativo se publica nos dois países de língua comum, em todos sectores da atividade espiritual.

Interessa, especialmente, às gerações novas a intimidade do pensamento atlântico de Portugal e Brasil pois nunca se devem desprezar, antes, cada vez mais reforçar, as raízes de pensamento que estruturam e animam a cultura do presente e preparam o porvir.

Louvamos por consequência, tão prestimosa iniciativa a que auguramos um futuro promissor.

sabedoria política. Bem pensado, a vida do penitenciário é a que mais se adapta ao padrão comum dos homens. Não sendo livres, estão, em última análise, isentos dos perigos e dos incómodos da responsabilidade e se acham em condições de não poderem fazer o mal. Logo que um homem entra na prisão, deve, à força, levar uma vida de inocente. Além disso, não tem pensamentos nem preocupações, pois há quem pense e mande por ele: trabalha com o corpo, mas o seu espírito descansa. E sabe que todos os dias terá de comer e poderá dormir, embora não trabalhe, embora esteja doente, e tudo isto sem as preocupações que incumbem ao homem livre para procurar o pão de todas as semanas e o leito de todas as noites. O meu sonho é transformar a Rússia em um imenso estabelecimento penal, e não suponha que o digo por egoísmo, pois com um tal sistema, os mais escravizados e sacrificados são justamente os guardas e os carcereiros.

Giovanni Papim

Alta no nível cultural português?

O interesse que no público em geral possam ter ou não os problemas do espírito e a curiosidade cultural, revela-se pela aceitação ou desinteresse, pela procura ou por uma voltar as costas, por uma busca de aproximação ou um passar de largo por tudo quanto possa ser elemento fornecedor de novos conhecimentos.

Se é a oferta, bem apoiada publicitariamente, quem muitas vezes fomenta e cria uma procura o des envolvimento desta ou ao seu desenvolvimento se pode garantir o crescimento da oferta.

Não é, assim por mero acaso que determinados livros e que certas exposições hoje são possíveis comercialmente são viáveis.

Salvo os livros de especialidades que carecem de apoio oficial — como os que dá a Junta de Investigações do Ultramar ou o Instituto da Alta Cultura e a nível particular a Fundação Gulbenkian — não há editor que pegue num texto e pense editá-lo sabendo que feita a tiragem ela vai ficar nas prateleiras do seu armazém.

Não é só o desenvolvimento da população: é a sua curiosidade e o aumento do seu nível de cultura que contam para este efeito.

Talvez seja enfadonho e estafado o argumento da comparação entre quanto se faz nos tempos actuais, entre nós, e os tempos passados, neste campo das artes, coisa, manifestação, em causa de conversa neste momento.

Seria bom, mesmo pondo de parte a lição que se possa colher da exposição em montagem sobre o apoio governamental às artes, atentar na data que possuem as edições portuguesas sobre a arte nacional do presente e do passado, sejam elas livros de divulgação sejam estudos profundos.

Bem sintomático é esses estudos não ficarem limitados a matérias do passado mas virem tratar artistas, movimentos não próximos mas dos nossos próprios dias.

Não queremos dizer com isto, nem englobamos na afirmativa, que quanto se publica tenha a mesma validade e tudo seja digno do mesmo crédito.